

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JÚLIA TASSIANE MACHADO

**A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA PARA O DESENVOLVIMENTO
DA CRIANÇA PEQUENA**

CAMPINAS

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JÚLIA TASSIANE MACHADO

**A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA PEQUENA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dra. Nima Imaculada Spigolon.

**CAMPINAS
2023**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

M18c Machado, Júlia Tassiane, 1998-
A contribuição da música para o desenvolvimento da criança pequena / Júlia Tassiane Machado. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Nima Imaculada Spigolon.

Coorientador: César Ferreira da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação Infantil. 2. Música. 3. Crianças. I. Spigolon, Nima Imaculada, 1971-. II. Silva, César Ferreira da. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. IV. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The contribution of music to the development of young children

Palavras-chave em inglês:

Child Education

Music

Childs

Área de concentração: Pedagogia

Titulação: Licenciado

Data de entrega do trabalho definitivo: 30-06-2023

JÚLIA TASSIANE MACHADO

**A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA PEQUENA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dra. Nima Imaculada Spigolon.

Campinas, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Nima Imaculada Spigolon (Orientadora)

Prof. Me. César Ferreira da Silva (Segundo leitor)

Dedicatória

Aos meus pais José Darci Machado e Maria da Penha Pinheiro Machado.

*Todo esse tempo eu nem me conhecia
Me fiz um outro e nem por que sabia
Eu me perdi pra me encontrar
Agora eu sou e sinto estar
Vivendo tudo a cada passo lento
Vendo esse mundo e me entendendo
Eu tenho fé pra caminhar
Eu tô aqui
Eu posso estar em qualquer lugar
[...] O tempo é agora*

(ANAVITÓRIA - música O Tempo é Agora, 2018)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso traz informações que auxiliam a compreender como a música contribui para o desenvolvimento infantil, tanto no ambiente familiar quanto no contexto escolar. O objetivo geral da pesquisa foi entender como se dá o desenvolvimento de vários aspectos da criança com exposição à música desde muito cedo, além de discutir o uso da música como uma ferramenta pedagógica na educação. Para tanto, há uma contextualização sobre o ensino de música no Brasil intercalada com relatos de experiências da autora deste trabalho, com memórias da infância até sua entrada na universidade pública. Ao longo do trabalho foram reunidos dados de outras pesquisas acerca do tema e também foi utilizada uma metodologia de caráter autobiográfico com narrativas sensíveis ao tema proposto, que por fim resulta em uma análise reflexiva sobre o papel da música na formação integral do indivíduo.

Palavras-chave: Educação Infantil; Música; Criança.

ABSTRACT

This final course project provides information that helps to understand how music contributes to child development, both in the family environment and in the school context. The overall objective of the research was to understand how the development of various aspects of the child occurs with early exposure to music, as well as to discuss the use of music as a pedagogical tool in education. To do so, there is a contextualization of the music education in Brazil interspersed with the author's own experiences, from childhood memories to her entry into a public university. Throughout the project, data from other research on the subject were gathered, and an autobiographical methodology with narratives sensitive to the proposed theme was used, resulting in a reflective analysis of the role of music in the integral formation of the individual.

Keywords: Early Childhood Education; Music; Child.

Lista de abreviaturas e siglas:

DEdIC – Divisão de Educação Infantil e Complementar

EF – Ensino Fundamental

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

DÓ - INTRODUÇÃO	9
RÉ E MI - MEMÓRIAS	12
FÁ - O ENSINO DE MÚSICA NO BRASIL	17
SOL - TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE DE PEDAGOGIA	26
LÁ - CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
SI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

Dó - Introdução

"Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntas as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes". (ALVES, 2008, np).

Após alguns anos de estudos e práticas sobre violão clássico e sobre o ensino de música somados à experiência de dois anos numa escola de educação infantil, surgiu a necessidade de compreender mais profundamente como se dá a relação entre a música e o desenvolvimento infantil. Sabe-se que a música permeia a vida do ser humano desde sua formação no ventre materno, pois "o feto de mais ou menos 25 semanas de gestação já pode escutar." (ZAEYEN, 2003, p.131). Ele interage com os sons externos e

já convive com um ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, como o sangue que flui nas veias, a respiração e a movimentação dos intestinos. A voz materna também constitui material sonoro especial e referência afetiva [...]. (BRITO, 2003, p.35).

A maneira como a música é entendida, sentida e inserida em cada família e grupo social é bem diversa, por isso é difícil especificar como é a relação de um bebê com a música e as artes sem levarmos em consideração seu contexto social e cultural. Ainda assim, buscamos compreender como a música afeta o ser humano desde o início de sua vida, numa perspectiva global. Como de fato a música contribui para seu desenvolvimento integral (motor, psicológico, afetivo, cognitivo)? Em quais aspectos ela pode ajudar?

Não há como negar a importância da música no cotidiano, o isolamento social devido à pandemia do Covid-19 no ano de 2020, por exemplo, mostrou a extrema necessidade do contato com as artes, tendo as pessoas recorrendo à música e outros meios artísticos para se expressar, distrair e acalmar. Além disso, há música em todas as culturas, que permeia as festas, cultos religiosos, manifestações das mais diversas causas e esta

faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da

filosofia. [...] É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente. (BRASIL, 1998, p.45)

E como já dito anteriormente, o bebê é exposto à música e cria vínculos desde a gestação, então já é de se esperar a continuação desses estímulos musicais nos primeiros meses após seu nascimento e conseqüentemente em seus primeiros anos de vida. A questão colocada aqui é buscar de que formas isso ocorre e qual a importância da música nesse processo.

Com a esperada futura atuação como pedagoga, é imprescindível conhecer as singularidades do ambiente de educação infantil e a linha tênue entre teoria e prática, já que muitas vezes o que acaba influenciando a prática são as necessidades do ambiente de trabalho ou das crianças, causando assim um distanciamento significativo da teoria e pouca reflexão crítica sobre a própria prática. A formação de professores ainda não atende a todos os critérios necessários para a plena atuação no papel de professor e talvez nunca atenda, pois a aprendizagem deve ser algo constante e com o tempo a prática gera outros tipos de experiências e conhecimentos. E no que diz respeito à música na instituição escolar, PENNA (2018, p.138) complementa que

os vários Parâmetros Curriculares Nacionais especificam o que é idealizado ou desejável para o ensino de música, mas nem eles nem a LDB garantem a sua presença na escola,

reforçando ainda mais a falta de formação necessária para atuação efetiva do educador na sala de aula. A autora ainda expõe uma realidade sobre o papel da música no contexto escolar:

Desse modo, as atividades musicais não estão voltadas para objetivos propriamente musicais, pois visam, principalmente: a) acompanhar atividades cotidianas (lanche, oração, recreio, fila etc.); b) auxiliar o processo de alfabetização; c) acalmar e relaxar, através de audição ou canto; d) preparar apresentações para os pais, relacionadas ao calendário de eventos comemorativos da escola. (Ibidem, p.136)

Por isso há a necessidade de uma maior compreensão e sensibilização a respeito deste tema, que muitas vezes é visto como algo rotineiro e não pensado de forma crítica.

Por fim, o que estimulou a escolha por este tema foi a curiosidade em saber mais como a música contribui e interfere nos processos de desenvolvimento infantil, apresentando perspectivas metodológicas e empíricas que pudessem explicar as indagações expostas.

Na primeira narrativa, intitulada “Ré E Mi - Memórias”, exploro algumas lembranças relacionadas à arte e música a fim de encontrar experiências que me marcaram significativamente e me despertaram o gosto pela música e pela docência. Há importância na investigação de nós mesmos e no saber pela experiência. As experiências são os conhecimentos obtidos por meio dos sentidos e através de algo que nos acontece e não externo a nós. Assim como diz Larrosa (2022, p.21) "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca."

Em seguida em “Fá - O Ensino De Música No Brasil”, há um diálogo com autores importantes desta temática, como por exemplo Maura Penna, Marisa T. O. Fonterrada, Raimundo Martins etc. Aqui é apresentada uma breve contextualização histórica e crítica sobre o ensino de música no Brasil, com destaque para os séculos XX e XXI, em que houve a criação de leis e diretrizes para a educação. E também traz uma reflexão de como a música se encontra atualmente dentro do sistema escolar.

Já na terceira narrativa chamada “Sol - Trajetória Como Estudante De Pedagogia” voltamos para a investigação autobiográfica, entendida como “um dispositivo de resistência” (ARTIÉRES, 1998, p.32). Neste bloco são levadas em consideração minhas experiências como aluna de uma universidade pública e também minhas experiências atuando em salas de aula como estagiária. Tendo destaque para reflexões de como a música é utilizada no ambiente escolar e como ela influencia o desenvolvimento infantil.

E por fim, a última parte do trabalho, “Lá - Considerações Finais”, retoma os principais pontos apresentados durante o texto e traz uma reflexão sobre a arte e a formação de professores.

Ré e Mi - Memórias

Minhas primeiras lembranças da infância são relacionadas à arte. Me lembro de estar debruçada sobre a mesa, muito nova, desenhando em meio a papéis e giz coloridos logo pela manhã. Lembro de minha mãe me colocando para dormir enquanto cantava cantigas de ninar. Do "som" do meu pai, que era um grande aparelho que funcionava como rádio, toca fitas e toca discos de vinil, tudo em um só equipamento. Era para ele uma de suas maiores conquistas materiais (depois de seu fusca azul), que fazia sucesso com os familiares e amigos nos fins de semana. Lembro também de ver e ouvir meu irmão e seu grupo de pagode tocando no quintal de minha avó e de eu correr entre os instrumentos tentando ser notada em meio aos ritmos. Aos seis anos eu sabia cantar as músicas de aberturas de todos os desenhos que assistia, pois as decorava com facilidade, assim como as músicas sertanejas de meu pai e os pagodes de meu irmão. Uma coisa levou a outra, e logo surgiu meu interesse pelas palavras. Tanto as ouvidas quanto as escritas. Assim comecei a ser alfabetizada e aprendi a ler antes de ingressar no Ensino Fundamental (EF), de maneira muito leve e natural.

A escola de educação infantil em que estudei contava com salas de aulas amplas, grande área externa com parquinho, caixa de areia e uma equipe pedagógica atenciosa e carinhosa com os alunos. As salas de aula tinham diversos materiais pedagógicos voltados para nosso desenvolvimento motor e artístico. Durante o ano letivo participávamos de peças teatrais, fazíamos gincanas e tínhamos muito contato com a natureza dentro e nos arredores da escola. A transição do ensino infantil para o EF infelizmente ainda não é sutil e progressiva, assim como também não era naquela época. Saí de uma escola onde eu tinha uma sensação de liberdade e pertencimento e, de repente, me vi numa grande sala de aula repleta de carteiras individuais e com pouco espaço para qualquer outra coisa que não fosse estar sentada olhando para a frente em silêncio ouvindo a professora. Não havia mais aquele sentimento de acolhimento do ano anterior e tão pouco a liberdade para ser criança na hora do intervalo. Sem parquinho, sem poder correr, diariamente tentar administrar aquele curto

espaço de tempo entre comer e brincar, ouvir o sinal barulhento, formar fila e voltar para a sala de aula.

Interessante notar como todas essas experiências me atravessaram de uma maneira tão profunda, que mesmo que sendo cotidianas estão aqui sendo revisitadas e compartilhadas neste trabalho. Com a chegada da fase adulta a vida acontece ao nosso redor e às vezes não damos a devida atenção como quando crianças. É preciso manter aquele olhar sensível, pois

"é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre."
(LARROSA, 2002, p.25).

E assim como muitas coisas deixadas para trás no ensino infantil, a música foi uma delas. Ela, que antes era explorada e vivenciada todos os dias na educação infantil, agora havia desaparecido. Mesmo durante as aulas de educação artística a música nunca foi abordada, pois o foco era nas artes visuais, mais precisamente na criação de desenhos e ocasionalmente na confecção de maquetes para algum projeto.

Infelizmente a música não é encontrada tão naturalmente no ambiente escolar e raramente é dotada de leveza e significado para os participantes do processo educativo. Ela é muito falada e utilizada na primeira infância e no contexto escolar remetente a essa faixa etária, mas quando analisamos a escolarização a partir do EF I até o ensino médio, onde é que a música volta a ter seu lugar de importância? Em minha experiência escolar, a música não voltou efetivamente. Alguns professores de artes até tentaram, mas a música acabava sendo nada mais que uma opção para ganharmos ponto extra de uma maneira totalmente desconexa com o conteúdo e sem uma proposta pedagógica com sentido. Irei abordar mais a fundo essa questão da música no currículo no próximo capítulo, por ora tentarei me ater às experiências que formaram meus ideais como professora e como indivíduo.

Quando eu tinha dez anos, minha professora da antiga 4ª série (atualmente 5º ano do EF I) teve a ideia de fazer uma apresentação para o Dia das Mães. Eu fiquei responsável por ler um poema para as mães, lembro que ensaiei tanto que acabei o decorando e ainda sei recitá-lo até hoje. Minha mãe ficou muito emocionada. Logo em seguida a sala toda cantou a música "Velha

Infância" do grupo Tribalistas em um lindo coro desafinado, porém destemido. Sinceramente não me lembro de nenhuma outra apresentação, exceto nas festas juninas ainda do EF I, em que a música tenha voltado a aparecer de uma maneira tão sensível e com sentido quanto naquele ano.

No final de 2012 depois de tanto pedir para meu irmão me ensinar a tocar violão (em vão), eu decidi fazer aulas de violão. Meus pais sem pensar duas vezes me levaram em uma loja para escolher o violão que me agradasse. Eu não tinha a menor ideia de como aquela decisão influenciaria em muitos aspectos da minha vida a partir daquele momento.

No início de 2013 comecei a fazer aulas de violão com um professor chamado X. Ele tinha décadas de experiência como músico e lecionava para dezenas de alunos em sua casa, dando aulas particulares e em grupo. Foi ele o responsável por me apresentar as partituras e naturalmente ao mundo da música erudita. Um universo musical totalmente diferente ao que eu conhecia até então, que abriu minha mente para as infinitas possibilidades musicais e de um método de ensino diferente do da educação regular. Eu que sempre me interessei por música e que sempre brincava de ser professora nas brincadeiras com meus primos, naquele momento tive meu primeiro contato com a musicalização, que uniu essas duas temáticas de uma maneira que eu não sabia que era possível.

Através da ajuda do X, naquele mesmo ano eu me tornei aluna da Casa das Artes de Itapira e ainda continuei com as aulas particulares de violão e canto. A Casa das Artes é uma instituição que em parceria com a prefeitura da cidade de Itapira oferecia aulas gratuitas de todos os instrumentos encontrados em uma orquestra, como bateria, violino, violoncelo, violão, flauta, clarinete, trompete etc. e também musicalização para crianças. Por quatro anos a música esteve presente na minha vida de maneira intensa e constante. A disciplina necessária para se dedicar ao estudo de um instrumento refletiu em outros aspectos da minha vida, além da música. Lembro como eu aplicava o que vivenciava lá em minha rotina escolar. Passei a ser mais organizada, confiante e criativa.

A sensação de fazer parte daquele grupo, de ver todo meu esforço sendo recompensado ao perceber o quanto eu havia aprendido e o quão natural as notas ecoavam do meu violão, era algo quase mágico para mim. No final de cada semestre tínhamos que nos apresentar no palco para um grande público a fim de mostrar o que havíamos estudado até aquele momento. Só de lembrar sinto

um frio na barriga, pois para mim subir naquele palco e superar minha timidez era algo desafiador.

Aos poucos fui incorporando isso à minha rotina e naturalmente participava dos ensaios em grupos, fazia apresentações em outros lugares, tocava nas festas de meus familiares, na escola e até cheguei a tocar em um casamento! Toda essa desenvoltura trouxe benefícios para o meu desenvolvimento social. Passei a ser mais comunicativa, empática e naquele momento despertava meu lado pedagoga, pois na Casa das Artes o aprendizado também se dava através da interação com os colegas e, por muitas vezes, eu era a responsável por ajudá-los a decodificar alguma passagem na partitura.

Às vezes eu me sentia vivendo uma vida dupla, cumprindo as obrigações da escola, estudando para as provas e trabalhos, ao mesmo tempo em que lidava com a responsabilidade de também estudar para participar das quatro aulas semanais de música e dos recitais. Eu sempre fui muito indecisa e o momento dos vestibulares havia chegado e eu ainda não sabia o que eu queria fazer. Me sentia tão aflita, que por vezes me faltava o sono. Qual profissão seguir? Qual vestibular fazer? Como tirar uma boa nota? Muitas indagações em um período tão curto de tempo. Foi durante o ensino médio que comecei a ter uma certa crise de identidade, logo eu com tantas coisas para dizer, não sabia o que falar sobre mim mesma. Lembro do quão desafiador me era fazer exercícios de escrita para falarmos sobre nós mesmos. Escrever sobre si, sobre suas ideias, sobre seus desejos, sobre suas fraquezas e suas habilidades.

"Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência." (ARTIÉRES, 1998, p.11)

Tive assim que analisar toda minha trajetória até ali, visitar minha infância e meus ideais.

Percebi como a educação sempre esteve presente na minha vida para além dos muros da escola. Meus pais sempre me falavam sobre a importância do aprender, nas brincadeiras com os amigos eu sempre era a professora ou a líder do grupo. Sempre organizada, eu coordenava a maioria dos trabalhos em grupo e fazia resumos do conteúdo na véspera das provas que também auxiliavam meus colegas.

"Do ponto de vista filosófico, pensar a formação traz o humano para o centro de nossa reflexão. Enquanto sujeitos históricos, construímo-nos a partir das relações que estabelecemos conosco mesmos, com o meio e os outros homens e mulheres, e é assim, nessa rede de interdependência, que o conhecimento é produzido e partilhado." (BRAGANÇA, 2011, p.158)

Visando unir minhas duas paixões, coloquei como minha primeira opção no vestibular da UNICAMP de 2016 a licenciatura em música, e a pedagogia como segunda opção. Eu não tinha ideia de como seria o curso e muito menos o mercado de trabalho. Só sentia que de alguma forma era o caminho certo para mim. Mesmo tendo tantas aulas de música, inclusive de teoria musical, todo meu esforço não foi suficiente para ser aprovada na minha primeira opção de curso. Mas fui aceita na segunda opção, e foi assim que adentrei no universo da pedagogia.

Fá - O Ensino De Música No Brasil

Primeiramente busquei em minhas memórias fatos que me marcaram o suficiente para fazer da música o tema deste trabalho. E após a introdução ao tema e a introdução de minha própria história, achei pertinente buscar informações acerca do ensino de música em nosso país. A seguir estão as informações que encontrei no desenvolvimento da pesquisa, para entender como se deu o processo da música no ensino e como isso culminou na música que conhecemos hoje, mas precisamente como ela está inserida na instituição escolar.

O Brasil é um país bastante diversificado culturalmente, e isso se dá tanto por sua dimensão territorial quanto por suas raízes. Desde antes da chegada dos colonizadores o território brasileiro já era ocupado pela população indígena, que possuía incontáveis tribos, cada qual com seu próprio idioma e cultura. Para se ter uma ideia da quantidade de nativos, na obra "Brasil: 500 Anos de Povoamento" produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que a população indígena da época variava entre 1 milhão a 6,8 milhões de pessoas.

Uma das primeiras provas de que a música já fazia parte de nossa história é o que no século XVI, Pero Vaz de Caminha relata em sua carta enviada à Portugal para descrever ao rei como era a terra recém "descoberta". Na carta ele relata o dia-a-dia da tripulação com os indígenas, e em alguns momentos ressalta o quanto os nativos gostavam de dançar e cantar. Os padres jesuítas também se manifestavam musicalmente, mas não em vão: utilizavam de recursos musicais com o propósito de chamar a atenção para atrair fiéis para a religião católica, assim como relata França (1953 apud GODOI, 2011, p. 12),

O coral Gregoriano mágico instrumento de conversão de que se utilizou o jesuíta José de Anchieta, aquela magnífica figura de evangelizador. E com ele os jesuítas Aspícueta Navarro e Manuel de Nóbrega. Este dizia que: 'com a música e a harmonia, atrevo-me a atrair para mim todos os indígenas da América'.

Pouco tempo depois do começo da colonização deu-se início à escravização de povos africanos. Pessoas que foram trazidas da África contra sua vontade para trabalhar forçadamente e servir a quem os comprasse, como

se fossem meras mercadorias. E com a chegada desses novos povos, mesmo que dessa maneira desumana e inconcebível, aos poucos sua cultura foi se incorporando com as que já estavam presentes aqui. Os colonizadores não reconheciam os nativos e nem os africanos como pessoas que possuíam uma cultura própria, com as especificidades de cada povo. Também não compreendiam o contexto cultural de cada grupo e os reduziam a uma posição de selvagens; inferiores. Apesar das cruéis tentativas de apagamento da história desses povos, através de agressões, torturas, estupros e genocídios, os sobreviventes do processo de colonização conseguiram manter minimamente suas tradições e passá-las adiante. Assim, a mistura das matrizes europeia, indígena e africana foi a base da formação cultural do Brasil em todos seus sentidos: na música, dança, vestimentas, brincadeiras, língua, comida, costumes etc. Não esquecendo de ressaltar que apesar dessas matrizes, cada região do país carrega sua própria identidade e história, assim como seus habitantes.

Durante o período colonial aconteceram as primeiras tentativas de um ensino de música, de forma bastante rígida, acompanhando as características da escolarização europeia. Dois aspectos da ação jesuítica que marcaram tanto a educação brasileira quanto a educação musical foram

[...] o rigor metodológico de uma ordem de inspiração militar e a imposição da cultura lusitana, que desconsiderava a cultura e os valores locais, substituindo-os pelos da pátria portuguesa (FONTERRADA, 2008, p.208),

além de estar "diretamente vinculada à Igreja e, portanto, estreitamente ligada às formas e ao repertório europeus [...]". (Ibidem, p.209). Nos séculos seguintes não houve mudanças tão significativas no cenário geral em relação ao ensino de música no país. Em relação à educação, na segunda metade do século XVIII, com a expulsão dos jesuítas, a Reforma Pombalina fechou os colégios jesuítas e instituiu um ensino sistematizado e laico, através das aulas régias. No final do século XIX, após a Proclamação da República houve a necessidade de uma reformulação no ensino brasileiro, para que este ficasse alinhado à nova forma de governo. Um exemplo é a escola modelo Caetano de Campos, que no estado de São Paulo foi a primeira escola normal, e em sua grade curricular tinha matérias como aritmética, gramática, geometria, religião etc. e ainda contava com disciplinas como trabalhos manuais, ginástica, canto e música. Nesse período, o ensino de música era praticamente um sinônimo de ensino de

instrumento, baseado na música europeia, na memorização e repetição. Enquanto nas escolas especializadas de música o ensino era para os mais habilidosos.

De forma a não prolongar mais essa introdução ao tema, agora vamos para o século XX, para abordar o ensino de música durante o início dos anos 1900 com a república já consolidada. Neste momento a música passa a ser vista sob outra perspectiva, e com os ideais escolanovistas ganhando espaço no ensino brasileiro, a música também acabou ganhando um novo propósito. Um dos expoentes dessa nova mentalidade artística foi o erudito Mário de Andrade,

[...] que defendia no bojo do movimento modernista, a função social da música e a importância e o valor do folclore e da música popular. A identidade brasileira começava a ganhar espaço entre os educadores musicais. (FONTERRADA, 2008, p. 212).

Com o fim da Primeira Guerra Mundial e com a difusão do movimento modernista, surgem novas concepções visando questionar e romper com o tradicionalismo, além de valorizar a cultura brasileira.

Durante o final da década de 20 chegam, em forma de conta gotas, rumores sobre os trabalhos de Dalcroze, suas ideias e sua filosofia. Comentários sobre o método Kodály se misturam e reforçam a onda nacionalista que envolve o país, mas sem nenhuma consequência objetiva visto que falta o embasamento educacional contingenciado pela ausência de hábito da sistematização e do procedimento metodológico. (MARTINS, 1992, p.10)

Zoltán Kodály foi um importante compositor húngaro, que com base em sua filosofia de educação e abordagem de ensino, inspirou a criação do Método Kodály, que revolucionou o aprendizado musical da época. A essência do método é em torno da utilização da voz, músicas folclóricas e manossolfa. E foi justamente o conjunto das características desse método que chamou a atenção do maestro e compositor Heitor Villa-Lobos, que

identificava-se com Kodály e seu método revolucionário de caráter nacionalista. O nacionalismo era um fenômeno das nações marginais que reafirmavam sua identidade e buscavam reconhecimento. (FONTERRADA, 2008, p.213)

Depois de passar um período pela Europa, Villa-Lobos retornou para o Brasil em 1930 com muitas experiências e maturidade musical, e nesse mesmo ano percorreu 66 cidades numa turnê e divulgou o máximo que pôde suas obras. Não há como isolar o país politicamente do resto do mundo. Com a ascensão do

fascismo na Europa juntamente com suas ideologias ultraconservadoras, o nacionalismo era uma das características dessa nova onda de extrema direita.

Após a Revolução de 1930, que acabou com a República Oligárquica e em um golpe de estado colocou na presidência o líder da revolução Getúlio Vargas, foi possível notar similaridades entre os ideais desse novo governo e de governos fascistas da época. A imigração no Brasil foi um dos fatores que reforçaram essa “dança” com o fascismo.

Intelectuais nacionalistas [...] defendiam a limitação da entrada no País àqueles imigrantes desejáveis, que pudessem contribuir positivamente para a nacionalidade brasileira, trabalhando a terra ou trazendo capitais, e assimilando-se ao resto da população. Para eles, os judeus não faziam nem uma coisa, nem outra [...]. (IBGE, 2007, pg.135)

Com o início da Era Vargas e os movimentos nacionalistas, houve a necessidade de um instrumento para criar e fortalecer o sentimento de nacionalismo. Assim, Villa-Lobos assume em 1932 a direção da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA) e cria o projeto Canto Orfeônico. Esse projeto tinha como base ideológica associar disciplina, civismo e música, além da valorização de sentimentos nacionalistas. A palavra “orfeônico” se origina de “orfeão”, em que uma de suas definições significa “grupo de pessoas dedicadas à música vocal e ao canto coral” (ORFEÃO, 2021). Dois anos depois, com o decreto nº 24.794, o canto orfeônico fica obrigatório em todas as instituições escolares do país.

O programa tinha como objetivo ensinar os alunos a solfejar a partir das partituras de músicas folclóricas de nossa cultura e dos hinos brasileiros, buscando reforçar a identidade nacional. Assim como explica Ávila (2010, p. 29), a prática orfeônica era “organizada por ordem de complexidade e conteúdos pertinentes segundo as faixas etárias, e por imitação inicialmente, com posterior aquisição da teoria na medida da necessidade”, além da utilização da “califasia, que consistia na boa dicção do texto; da califonia, ou boa entoação das alturas melódicas; da calirritmia, a boa execução rítmica.”

Apesar do avanço em relação ao ensino de música devido aos investimentos, materiais, propagação como nunca vista antes e do contraste dessa nova proposta musical pautada na busca pela identidade nacional

brasileira em contrapartida à proposta jesuítica, que era fundamentada em ideais europeus, ainda não há como ignorar o fato desse programa ter sido um programa musical de um governo ditatorial. Assim como aconteceu em vários países, no Brasil a música também serviu como um instrumento para se chegar às massas, acessando desde cedo o indivíduo ainda criança através da instituição escolar. Para Costa (2010), o "Projeto Canto Orfeônico" não foi usado como meio para a formação integral do indivíduo e auxílio para desenvolver a consciência crítica, mas sim para inculcar ideologias do governo vigente. Desta forma é possível perceber as contradições sobre o ensino de música nesse período, pois ao passo em que Villa-Lobos formava professores especialistas e utilizava o folclore e a música popular para fortalecer os sentimentos nacionalistas, "o governo buscava esta concepção por meio da execução de hinos e marchas militares" (LEMOS JUNIOR, 2011, p. 206). Fonterrada (2008, p. 214) sintetiza bem o momento retratado até aqui quando diz que:

critica-se, com freqüência, o envolvimento político dessas ações musicais, em que se enaltecia a figura do ditador e da pátria. Getúlio Vargas soubera, sem dúvida, compreender o poder da música para arregimentar massas e uni-las numa só marcação de tempo, e tirava partido disso. (FONTERRADA, 2008, p.214)

Embora o canto orfeônico tenha se popularizado e ganhado força nacionalmente, com o fim da Era Vargas o programa passou por transformações, e foi se enfraquecendo aos poucos. Tendo no ano seguinte da morte de Villa-Lobos, em 1960, seu fim. E desta forma o programa foi substituído pelo ensino não obrigatório de música. A nova forma de educação musical não era tão diferente, já que contava praticamente com os mesmos professores e não havia grandes divergências entre as duas propostas.

Em 1971 com a lei nº 5.692/71 o ensino de música foi extinguido e em seu lugar foi introduzida a educação artística. Essa disciplina de caráter polivalente abordaria artes plásticas, artes cênicas, artes visuais e música. Foi assim que a música deixou de ser uma disciplina e passou a ser uma atividade. Fonterrada (2008, p.217) destaca:

a disciplina substituída pela atividade. Ao negar-lhe a condição de disciplina e colocá-la com outras áreas de expressão, o governo estava contribuindo para o enfraquecimento e quase total aniquilamento do ensino de música.

Com esta nova lei não havia mais a necessidade de um professor especialista para poder lecionar. Nos cursos de formação de professores de educação artística, havia apenas três anos para se aprender as quatro modalidades da arte, o que resultava em um aprendizado raso que não contemplava toda a complexidade de cada área. E por fim, das quatro modalidades quase sempre uma se destacava durante a prática desses professores recém-formados, enquanto as outras mal eram apresentadas durante o trabalho em sala de aula. Começava aqui o impasse da educação musical no final do século XX, pois os professores especialistas não tinham formação para lecionar com destreza o que se era pedido na educação artística, assim como os professores de educação artística também não tinham recursos para ensinar com eficiência a música, por exemplo.

A educação musical tornou-se, então, privilégio de uns poucos, pois a maioria das escolas brasileiras aboliu o ensino de música dos currículos escolares devido a fatores como a não-obrigatoriedade da aula de música na grade curricular e a falta de profissionais da área, somando-se a isso os valores culturais e sociais que regem a sociedade brasileira. (MATEIRO, 2012, p.118)

A Constituição Federal de 1988 foi um grande marco na legislação brasileira, com cerca de duzentos e cinquenta artigos é a lei base de nosso país, serve como parâmetro para outras leis e está no topo do sistema jurídico. Como a última Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) tinha sido a lei nº 5.692/71, após tantos acontecimentos e reflexões, juntamente com a promulgação da nova Constituição Federal houve a necessidade de reformular essa importante lei educacional.

Foi imprescindível a contribuição de grandes educadores e pensadores do século XX, como Florestan Fernandes, Dermeval Saviani, Darcy Ribeiro etc., para reivindicar por melhorias no ensino e assegurar em lei todos os direitos à educação gratuita e de qualidade. Após quase uma década de estudos e discussões, instituiu-se assim a LDB 9.394/96, que entre muitos objetivos visava determinar os deveres da União, do Estado e dos municípios com a educação pública. Também pretendia assegurar o direito de uma educação gratuita e de qualidade para toda a população e

[...] orienta a organização da educação, desde a Educação Infantil até a pós-graduação, em níveis, etapas e modalidades

educacionais. De acordo com essa Lei, a educação escolar subdivide-se em dois níveis de ensino: a Educação Básica e o Ensino Superior. Nesse contexto, o Ensino de Arte (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança) é obrigatório no ensino brasileiro. (MACHADO, p.6, 2013)

Após vinte e cinco anos da sanção da LDB 5.692/71 finalmente houve uma legislação atualizada e de acordo com as necessidades da população naquele momento.

No início do século XXI retoma-se a discussão sobre o ensino de música nas escolas brasileiras, e por fim é estabelecida através de um adendo no artigo 26 na lei nº 11.769/2008, a obrigatoriedade do ensino de música em todas as escolas: “§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º.” (BRASIL, 2008). É importante ressaltar que a proposta da lei é que a música seja mais um conteúdo a ser trabalhado, e não que ela seja novamente uma disciplina, reiterando o objetivo geral da LDB de 1996 sobre esse tema. É de fato curioso perceber que foi necessário a criação de mais uma lei para que o ensino de música voltasse a aparecer de forma mais efetiva nas escolas. Na teoria não havia a necessidade dessa nova lei, já que de acordo com a lei nº 5692/71, a formação polivalente daria os recursos necessários para os professores aprenderem e ensinarem as quatro modalidades artísticas. Mas o que aconteceu nessas quase quatro décadas foi a exclusão da música como componente curricular, e o destaque das artes visuais no cotidiano escolar. A música ficou restrita à apresentações escolares, comemorações e como instrumento para ajudar a memorizar a rotina e também para manter a disciplina.

Em 2016 ainda há um adendo preocupante na LDB de 1996, como indica Lourenço e Sousa (2017, p.368):

Apesar desse amplo debate sobre a música no contexto escolar, em 2 de maio de 2016, foi sancionada a Lei nº 13.278/16, que alterou o § 6º do Art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e fixou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, referentes ao ensino de Artes. O parágrafo anterior passou a ter a seguinte redação: “Art. 26 § 6º: As artes visuais, a dança, a música e o teatro são linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (BRASIL, 2016). A partir dessa aprovação fica caracterizada novamente a “polivalência” do ensino de Artes no Brasil, uma questão muito polêmica, discutida/criticada no passado pelo fato de não ofertar um ensino de qualidade na escola pública brasileira.

Observando tudo que foi apresentado até agora, concorda-se com Costa (2010, p.46) quando este diz que:

[...] o ensino de música no Brasil, desde o início do século passado, tem servido, em boa parte dos casos, para atender interesses de cunho sociológico. Pouco se tem feito pensando na música como instrumento de emancipação e construção de cidadania e como importante prática libertadora. Isso vem acarretando o descrédito e a desvalorização por parte de quem ensina e de quem aprende música.

E também que

Em nenhum momento, por exemplo, foi pensada a arte na escola como um processo de escolha e liberdade dos indivíduos, mas como um processo de implantação de civismo, disciplina e ordem, usando os educandos como meio de propaganda da ideologia instituída. (Ibidem, p.59)

Dessa forma, vimos historicamente que no início a música foi utilizada como ferramenta para atrair fiéis e depois uma certa ausência desta. Então com o Estado Novo a música ganhou força, porém com o objetivo de propagar ideais políticos alinhados com o poder instaurado, sofrendo grande censura. Com o fim do projeto “Canto Orfeônico”, mesmo com uma nova legislação, a música ficou quase quarenta anos fora do sistema educacional como um conteúdo sério a ser trabalhado e difundido. Entretanto, se a música é obrigatória desde 1996 (e ainda tendo sua obrigatoriedade reforçada em 2008), é preciso refletir de que maneira ela está sendo abordada, e se ao menos **está** sendo abordada após quinze anos da promulgação da lei.

Em minha trajetória como estudante de escolas públicas, nunca tive contato com outras modalidades do ensino de artes, senão artes visuais (com enfoque apenas em desenho) e raramente artes plásticas (confecção de algum objeto com materiais escassos). Meu maior contato com a música foi na educação infantil, em que cantávamos canções para cada momento da rotina e nas datas comemorativas quando ensaiávamos coreografias para apresentar aos responsáveis. Já no EF o único contato com a música era uma vez ao ano durante a quadrilha na festa junina escolar. Às vezes ela aparecia na sala de aula como um recurso para ganhar nota na aula de artes. Era quase uma chantagem por nota, ninguém era obrigado a se apresentar para a sala, mas quem o fizesse ganharia pontos extras.

Acredito que é possível mudarmos o rumo do ensino de música ainda neste século. Estamos na era das tecnologias, pois temos acesso aos mais

diversos conhecimentos na palma da mão. Se já progredimos tanto em períodos de difícil comunicação e com recursos limitados, as possibilidades do que pode ser feito hoje podem ser infinitas.

Fonterrada (2008, p.272) nos mostra um exemplo simples a respeito do ensino de música, quando diz que “a escola é um espaço ideal para o fazer musical. Os alunos estão juntos e disponíveis, e não é difícil motivá-los a participar de atividades musicais, se o professor tiver competência para isso.” Além da iniciativa, precisamos de mais investimentos e fazer bom uso deles, de uma formação de professores que contemple as especificidades do trabalho com a música e também de ambientes escolares propícios para o fazer artístico.

Sol - Trajetória como estudante de pedagogia

Ao ingressar na Faculdade de Educação da UNICAMP eu ainda não tinha noção da dimensão e potência da universidade pública. Aos dezenove anos eu ainda me sentia como uma criança e achava que não tinha a maturidade necessária para levar uma vida acadêmica. Nunca havia morado longe dos meus pais e muito menos em uma cidade grande como Campinas.

Para mim, estar naquele lugar, com tantas responsabilidades, sozinha e ter uma rotina dentro do campus, era algo surreal. Às vezes me parecia um filme, mas então veio a realidade das aulas. Os primeiros semestres do curso de Pedagogia são focados em densas matérias teóricas como sociologia da educação, filosofia da educação, história da educação, metodologia de ensino, políticas educacionais etc. Eu que estava tão focada e tinha planos de seguir uma profissão na área musical, agora tinha cinco aulas semanais na faculdade e com os trabalhos, tarefas e provas, não tinha mais tempo para as aulas de violão.

Todo início de disciplina haviam perguntas tanto dos professores quanto dos colegas: “Por que você escolheu esse curso?”, “Por que você quer se tornar professora?”, “Você quer ser professora de qual faixa etária?”, “Talvez coordenadora?”. Sinceramente ainda não sei se tenho uma resposta formada para todas as perguntas e não sei se algum dia terei. Na época me guiei pela vontade de estudar mais profundamente algo que era natural para mim, sempre tive uma certa aptidão para lecionar, assim como para a música.

Durante o curso de pedagogia somos desafiados a investigar e questionar a tudo, inclusive a nós mesmos, analisando sobre nossas concepções, valores, achismos e certezas. Interessante notar a relação que Bragança (2011, p.158) faz quando diz que

“Percebemos, assim, na interação entre práticas de pesquisa e formação, a afirmação dessa abordagem no campo educativo. Mesmo quando a perspectiva se coloca centrada na investigação, o fato de rememorar a vida traz para os/as participantes um sentido formador.”

Como dito anteriormente, sempre fui indecisa e no segundo ano do curso ainda não tinha certeza se seguiria a profissão. Por vezes me sentia seguindo no curso só para terminá-lo, com medo do “fracasso” por abandonar algo

incompleto. Mas persisti e ao longo dos semestres fui me sentindo mais à vontade e motivada a aprender mais sobre a pedagogia e de certa forma sobre mim mesma. A formação de professores acontece junto a transformação do indivíduo que aos poucos passa de aprendiz para mestre.

"Assim, a formação fala da experiência pessoal do sujeito, profundamente articulada aos contextos sociais e culturais mais amplos. Percebemos que a literatura que toma como referência a abordagem (auto)biográfica sinaliza concepções de formação que dialogam e se entrelaçam; concepções que se manifestam em diversos desdobramentos teórico-metodológicos para o campo educativo e a formação de professores." (BRAGANÇA, 2011, p.161)

Algo interessante sobre a Faculdade de Educação da UNICAMP que faço questão de citar, é o ambiente acolhedor, os colegas de classe que nunca saíram do meu lado, a maioria do corpo docente sendo empática e tratando os alunos com devido respeito e atenção (algo que deveria ser regra em todas as instituições escolares, mas que infelizmente sabemos que são exceções).

Depois da grande carga teórica, o curso começou a entrar em disciplinas de estágio, em que a escrita de narrativas sobre as experiências no campo fazia parte das exigências dessas disciplinas. Muitas vezes me parecia quase como um diário, em que eu relatava coisas vivenciadas nas salas de aula, por exemplo, ao mesmo tempo que escrevia e refletia sobre meus sentimentos diante das situações. Narrativas essas, que ainda me auxiliam quando preciso buscar algo para lembrar o início de minha formação como professora.

" A constituição pelo indivíduo de arquivos pessoais, longe de restringir e de circunscrever, é formidavelmente produtiva. Enquanto alguns poderiam crer que essa prática participa de um processo de sujeição, ela provoca na realidade um processo notável de subjetivação" (ARTIÉRES, 1998, p.32)

Além das disciplinas de estágio, também teve algumas relacionadas ao fazer artístico. E foi nesse momento em que meu violão voltou à cena. Em diversas propostas de atividades eu o levei para a sala de aula e compus músicas com meus colegas, mesmo que simples paródias.

Em 2018 ingressei como estagiária na creche da UNICAMP, a Divisão de Educação Infantil e Complementar (DEdIC). Foi lá que uma nova fase da minha vida começou e foi onde eu realmente aprendi o que é ser professora. Ver tudo que estudei até aquele momento sendo aplicado na prática de uma maneira

natural só me fez ter mais gosto pela pedagogia e pela educação. A unidade da DEdIC em que trabalhei tinha berçário, maternal e pré-escola, e cada sala contava com duas professoras e às vezes uma estagiária também. Eu era um estagiária volante, todos os dias era direcionada à sala que precisava de apoio. No berçário porque era a hora do banho ou do jantar e precisavam de mais mãos para auxiliar os bebês, no maternal quando uma das professoras saía para fazer planejamento e eu ficava para auxiliar a outra professora ou ainda na hora do parque da pré escola, onde as turmas brincavam juntas e era necessário mais supervisão. Também era o nosso papel ajudar nas apresentações, confecção de painéis e exposição dos trabalhos das crianças.

Uma coisa que aprendi lá que não era comum quando eu era pequena foi: professor também brinca! E foi brincando com as crianças que passei a ouvi-las, entendê-las, e respeitá-las como respeitamos outros adultos. Na DEdIC havia muita flexibilidade e eu podia levar meu violão sempre que quisesse para tocar com as crianças. E assim cantávamos juntos as músicas que elas escolhiam.

Na escola de educação infantil em que estudei quando era pequena, a música era utilizada também como meio para marcar a rotina. Havia música para a hora da chegada, lavar as mãos, lanche, descansar e despedida. Então éramos guiados pelos momentos de rodas. Já na rotina na DEdIC a música era usada espontaneamente e não com esse propósito de fixar algo no comportamento das crianças. A música aparecia todos os dias na hora da roda para acolher as crianças assim que chegavam na creche. Então todos os dias após o horário da entrada, formávamos uma roda e a perguntávamos sobre o dia de cada criança, se queriam nos contar algo, como estavam se sentindo etc. Algumas músicas do nosso repertório eram compostas por músicas criadas ou modificadas pelas próprias professoras durante os anos trabalhando ali.

“A identificação que a criança tem pela música, faz desta uma aliada nas intervenções motoras, proporcionando à criança alegria e aprendizagem ao mesmo tempo, a vivência escolar é a ocasião em que a criança mais desenvolve seu esquema estrutural, a música aliada com a psicomotricidade torna-se ferramenta importante no desenvolvimento corporal, consolidando um caminho para um desempenho global saudável.” (FERREIRA e RUBIO, 2012, p.8)

Era um momento muito divertido e de integração, onde nós tentávamos fazer todas as crianças se sentirem parte daquele espaço, sendo ouvidos e aprendendo a ouvir também. Para mim foi notório perceber como a música facilitava a comunicação independente da faixa etária. Mesmo entre os bebês que ainda não falavam, eles sabiam balbuciar a melodia de algumas músicas ou ficavam muito alegres e dançavam quando ouviam alguma música de seu interesse.

O ensino de música e experimentações musicais na educação infantil estão previstos nos documentos oficiais que guiam os currículos escolares. É impossível pensar na infância sem associá-la aos sons, assim como está no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil,

“as crianças integram a música às demais brincadeiras e jogos: cantam enquanto brincam, acompanham com sons os movimentos de seus carrinhos, dançam e dramatizam situações sonoras diversas [...]”. (BRASIL, 1998, p.52).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também ressalta a importância das artes no desenvolvimento infantil, quando diz que é

“por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem.” (BRASIL, 2020, p.41)

Na DEdIC havia uma sala de música com vários instrumentos feitos de materiais recicláveis, onde as crianças podiam explorar sons livremente. Íamos sempre para lá e quando eu levava meu violão era uma festa, pois eu tocava uma música e as crianças tocavam seus instrumentos. Eu não tinha a formação necessária para dar uma aula de musicalização, mas aqueles breves momentos musicais eram muito positivos. A interação com a música muitas vezes refletia na atitude das crianças. Uma música muito agitada as deixavam agitados, uma música mais calma conseqüentemente as deixavam mais calmas, uma música diferente as faziam pensar e uma música com muito ritmo as faziam dançar pela sala.

"A música utilizada nas brincadeiras torna-se uma ferramenta riquíssima para o desenvolvimento motriz da criança, através dela a criança tem mais possibilidade da execução dos movimentos, que estruturarão seu físico refletindo mais tarde em seu comportamento. " (FERREIRA e RUBIO, 2012, p.11)

Foi interessante observar as crianças mais agitadas e que muitas vezes não conseguiam prestar atenção nas atividades ou que tinham dificuldade em seguir a rotina, eram as mais afetadas pela música. Havia um menino no maternal chamado P. que era extremamente agitado, mas ficava muito calmo e mostrava interesse nos momentos musicais. Um dia ao cantar para a aluna L. no parquinho, esta pegou todos os baldes do parquinho, os alinhou, achou dois gravetos e começou a me acompanhar tocando o ritmo da música perfeitamente, como se os baldes fossem uma bateria. Era inacreditável ver como aquela criança tão pequena conseguia seguir naquele compasso com tanta naturalidade. Ela era autista, não respondia quando era chamada, mas era muito sensível à música e interagia quando alguém começava a cantar.

E assim era a rotina na creche, com música, dança, teatro, afeto, pinturas, desenhos, colagens, confecção de brinquedos e decorações a partir de materiais recicláveis. Ali era o lugar perfeito para ver a importância das artes na educação da primeira infância, sendo as crianças expostas às mais diversas manifestações artísticas e apresentando a elas todos os recursos necessários para que explorem seus próprios interesses, habilidades e identidade.

"A música e a expressão corporal são atividades permanentes na Educação Infantil, objetivando que através da música a criança integra experiências de vivência, percepção, equilíbrio, autoconhecimento, interagindo com o mundo; e a expressão corporal objetiva o conhecimento do próprio corpo, suas capacidades de ações, um instrumento de comunicação e auto realização." (FERREIRA e RUBIO, 2012, p.11)

Após concluir os estágios na faculdade de pedagogia e meu contrato remunerado na DEdIC ter acabado, voltei para Itapira e comecei a procurar um novo trabalho em tempo integral. Em pouco tempo consegui um emprego numa escola particular da cidade. Não quero me aprofundar com detalhes sobre tudo que vivi naquele lugar, pois não foi um saldo tão positivo. Felizmente eu gostava muito da professora de sala e do trabalho com as crianças, que era o que realmente importava para mim. Durante a manhã eu dava aulas de reforço e corrigia apostilas, e durante a tarde eu ficava como professora auxiliar em uma sala de maternal com crianças de dois a quatro anos de idade. E novamente a música estava lá. Para mim não há como ter educação infantil sem música; sem o lúdico. É ali que nasce a imaginação e é nosso papel como pedagogas auxiliá-

los nesse processo. Uma coisa a ser notada, é que novamente ali a música era basicamente utilizada como um meio de gerenciar a rotina. Havia a música da recepção, da chamada, da hora do lanche e a música de ir embora. Mas o que realmente me marcou foi que aquela escola seguia um calendário que não era no tempo das crianças, e sim no tempo que a coordenadora ditava, baseado no calendário comercial.

A gente ensaiava incansavelmente três ou quatro vezes por semana uma apresentação com música e uma dancinha para mostrar aos responsáveis pelas crianças. Era exaustivo, na semana após a apresentação da Páscoa era necessário preparar algo para o Dia da Água, Dia da Terra, Dia das Mães, Festa Junina, Dia dos Pais, Dia das Crianças, Natal etc. Eram tantas datas comemorativas que as crianças nem tinham tempo de assimilar tudo o que estava acontecendo. Não havia sentido nas atividades desenvolvidas e os adereços e presentes eram feitos pela professora da sala com seus próprios recursos, pois a escola não autorizava nem ao menos o uso da impressora da secretaria. Isso evidencia o descaso com a música. Não há como negar que ela esteve presente, mas não direcionada em um objetivo pedagógico claro e pensado nas crianças. Assim como propõe Barbosa (2011, p.103)

“1) familiarização e 2) produção de sentidos. Familiarização quer dizer, em poucas palavras, contato com (boas) músicas. Mas não um contato aleatório ou sem objetivos definidos. Em uma aula de música, esse contato deve ser previsto, organizado, orientado pelo professor, com o objetivo de promover a apreensão e compreensão dos sentidos musicais.”

Apesar daquele ambiente eu trouxe músicas que conhecia, músicas da minha infância e as que aprendi nas salas de aula por onde passei. Eu tentava ao máximo adentrar naquele universo infantil e trazer um sentido para aqueles momentos. Chegamos aqui num outro ponto crucial e reflexivo: qual a real função da música nas escolas? Se não para a fixação da rotina e acompanhar o calendário comercial, então para quê? Tentando ainda ser otimista, é melhor as crianças terem algum contato com a música do que nenhum, mas por que ela é resumida a apenas isso? Precisamos exaltar o caráter libertador da música e toda a reflexão trazida através das manifestações artísticas.

Lá - Considerações Finais

Na primeira parte do trabalho, ao revisitar minhas memórias foi possível perceber como a música foi importante desde muito cedo, e com o passar dos anos como ela influenciou positivamente também o meu desempenho escolar. A disciplina exigida para o estudo de um instrumento musical acabou refletindo na rotina escolar e na maneira de estudar.

Mais a frente foi abordada a história da música no Brasil, e através de fontes secundárias verificou-se que a música ficou décadas sem uma legislação específica e apesar de finalmente ter sido criada uma lei para garantir sua presença como componente curricular, ela ainda não está efetivamente presente nas salas de aulas. Sendo muitas vezes restrita a apresentações escolares e utilizada com foco excessivo no calendário comercial, sem uma proposta pedagógica com sentido para os alunos.

E finalmente foram apresentadas minhas experiências como aluna de universidade pública e também como trabalhadora, tendo destaque para aquelas relacionadas a música. Assim como discutido anteriormente, a música é muito benéfica para o aprendizado e desenvolvimento infantil, mas infelizmente não é intencionalmente e pedagogicamente explorada nos primeiros alunos escolares e gradualmente deixa de aparecer nos próximos níveis de ensino.

É necessário ressaltar a importância das artes no ensino e as subjetividades de ensino dessa área assim como a subjetividade de aprendizado dos alunos. O objetivo deste trabalho não é romantizar o ensino de música, pois somente ela não irá solucionar todos os problemas ou sozinha atender as necessidades de todos os alunos, até porque há uma pluralidade de infâncias que “são vividas de modo muito diverso. Ser criança não implica em ter que vivenciar um único tipo de infância. As crianças, por serem crianças, não estão condicionadas às mesmas experiências.” (BRASIL, 2009, p.22)

Portanto, após analisar os dados levantados, fica claro o papel fundamental que a música exerce no desenvolvimento infantil, auxiliando na coordenação motora, socialização, expressão e criatividade. Para além de uma pedagogia musical, arrisco sugerir uma musicalidade pedagógica, onde a música seja mais que uma ferramenta pedagógica, que ela seja potente,

presente e capaz de refletir nas outras áreas de conhecimento. Uma musicalidade que contribua para a formação de indivíduos mais sensíveis ao mundo ao seu redor. O desenvolvimento humano não segue uma linha contínua e exatamente igual para todas as pessoas, as mudanças acontecem em várias dimensões, como motora, cognitiva, social e afetiva. Então a música pode ser utilizada para facilitar esse processo, pois através de sua presença diária na sala de aula gradualmente cada criança poderá identificar a melhor abordagem para o aprendizado sobre as coisas e sobre si própria.

Até mesmo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) não é claro sobre o ensino da música, como por exemplo quando o documento aborda maneiras de como não apresentar a música, ao passo que também não explica com clareza a forma correta dessa abordagem, utilizando-se de orientações genéricas que pode deixar o trabalho do professor não especialista mais difícil.

Considerando tudo que foi abordado até aqui, acredita-se que para possibilitar uma mudança nesse cenário, é fundamental que educadores, gestores e os responsáveis pela criação das políticas públicas reconheçam a importância da música e que efetivamente a incluam nos currículos escolares. Para isso é necessário o oferecimento de uma formação de professores adequada, capacitação, recursos musicais e uma infraestrutura com espaços propícios para o fazer musical.

Outra proposta é para que o governo incentive parcerias entre escolas e instituições musicais, a fim de promover workshops, palestras, projetos, apresentações etc. Considerar a perspectiva da musicalidade pedagógica, é abrir possibilidades de criar um espaço em que a música seja de fato estudada, valorizada e vivenciada no ambiente escolar.

Como professores, é necessário exercermos constantemente nosso olhar e pensamento crítico a tudo que está dado, para que assim possamos caminhar para a mudança. Espera-se que este trabalho possa auxiliar a quem futuramente estiver buscando informações nesta área e que a bibliografia utilizada também sirva de caminho para quem quiser se aprofundar nesta temática.

Si - Referências Bibliográficas

AGNOLON, Rosângela; MASOTTI, Demerval R. **A musicalização e o desenvolvimento cognitivo de crianças a partir das inteligências múltiplas.** #Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.5, n.1, 2016.

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2008. Disponível em: <<https://anovamente.files.wordpress.com/2019/08/ostra-feliz-nao-faz-perola-rubem-alves.pdf>>. Acesso em 12 dez. 2020.

ANTUNES, Arnaldo; BROWN, Carlinhos; MONTE, Marisa. **“Velha Infância”**. In: ANTUNES, Arnaldo; BROWN, Carlinhos; MONTE, Marisa. *Tribalistas*. (2002). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iyJDuJggiEM&list=OLAK5uy_mx4f_OHn24hyQkMZICr8ssM3diYZ8xxGE&index=4>. Acesso em: 30 de abr. de 2023.

ARTIÉRES, Philippe. **Arquivar a própria vida.** Revista Estudos Históricos, v. 11, n. 21, p. 09-34, 1998.

ÁVILA, Marli Batista. **A obra pedagógica de Heitor Villa-Lobos: uma leitura atual de sua contribuição para a educação musical no Brasil.** Doutorado (Tese), USP. São Paulo, 2010.

BARBOSA, Maria Flávia. **Música na educação infantil: reflexões e proposta didática para professores não-especialistas.** In: GUIMARÃES, Célia Maria (Org.). *Caderno de formação: didática dos conteúdos: formação de professores.* São Paulo: Cultura Acadêmica; UNESP; UNIVESP, 2011. v. 3. 200p. (Curso de Pedagogia, Educação Infantil: princípios e fundamentos - Educação Infantil - Diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas). Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/337954/1/caderno-formacao-pedagogia_8.pdf>. Acesso em 16 jun. 2023.

BRAGANÇA, I. F. de S. **Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica.** Educação, [S. l.], v. 34, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8700>. Acesso em: 17 jun. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em 11 dez. 2020.

_____. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em:

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 20 ago. 2021.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 20 ago. 2021.

_____. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. [S. I.]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm>. Acesso em 20 ago. 2021.

_____. **Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931.** Dispõe sobre a organização do ensino secundário. [S. I.]. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-publicacaooriginal-141245-pe.html>>. Acesso em 20 ago. 2021.

_____. **Decreto nº 24.794, de 14 de julho de 1934.** Dispõe sobre o Ensino do Canto Orfeônico, e dá outras providências. [S. I.], 1 dez. 2021. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24794-14-julho-1934-515847-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 20 ago. 2021.

_____. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para Reflexão sobre as Orientações Curriculares.** Projeto de Cooperação Técnica MEC / Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica/ UFRGS, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf> Acesso em agosto de 2020. Acesso em: 15 jun. de 2023.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil /** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, v.3, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em 11 dez. 2020.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil:** propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Petrópolis, 2003.

BUENO, ROBERTO. **Pedagogia da Música.** Volume 1. Jundiaí, Keyboard, 2011.

CAMINHA, P. V. **Carta de Pero Vaz de Caminha a el-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil**. Prefácio de Jaime Cortesão Paulo: Martin Claret, 2007.

CASA DAS ARTES. **Casa das Artes: Aplausos pra Vida**. Página inicial. Disponível em: <<https://www.casadasartes.art.br/quem-somos>>. Acesso em 04 de abr. de 2023.

CASTRO, Sônia Helena de et al. **Avanços e Retrocessos da LDB nº 9.394/1996: Uma Abordagem a partir das LDB's de 1961 e 1971**. Revista Saúde e Educação, v. 4, n. 1, 2019.

COSTA, Cristiano Aparecido da. **Projeto canto orfeônico no Brasil: uma análise crítica à luz da pedagogia libertadora de Paulo Freire**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2696>>. Acesso em 07 set. 2022.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: Um ensaio sobre música e educação**. 2.ed. - São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro; Funarte, 2008.

FERREIRA, Lúcia Aparecida; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **A contribuição da música no desenvolvimento da psicomotricidade**. Revista Eletrônica Saberes da Educação. V.3, n.1, 2012. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Lucia.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FIGUEIREDO, Fernanda Clara. **A música no desenvolvimento da imaginação da criança na educação infantil**. Orientadora: Silvia Cordeiro Nassif. 2015. TCC (Graduação) – Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000963118&opt=4>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

GODOI, Luis Rodrigo. **A importância da música na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2011%20LUIS%20RODRIG%20GODOI.pdf>>. Acesso em 20 out. 2021.

IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. 232p. Disponível

em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>>. Acesso em 03 nov. 2021.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação: Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-30, 2002.

LEMOS JÚNIOR, Wilson. **Nacionalismo e suas vertentes: Um estudo sobre a história do canto orfeônico na escola brasileira**. In Fórum De Pesquisa Científica Em Arte, 8., Curitiba, 2011. Anais [...]. Curitiba: EMBAP, 2011. Disponível em: <<http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/anaisvii/200.pdf>>. Acesso em 20 de ago. 2021.

LOURENÇO, Renata; SOUSA, Paulo Cezar Pardim de. **Um breve histórico das legislações sobre o ensino de música no Brasil**. An. Sciencult, Paranaíba, V.7, n.1, p. 358-370, 2017.

MACHADO, Carla Adriana. **O ensino de arte na educação básica: um olhar para a música e a interdisciplinaridade**. Monografia (de Especialização em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica). Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Cerro Largo/RS. Cerro Largo, 30f, 2013.

MARTINS, Raimundo. **Educação musical: uma síntese histórica como preâmbulo para uma ideia de educação musical no Brasil do século XX**. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 6-11, mai. 1992. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed1/revista1_artigo1.pdf>. Acesso em 10 out. 2021.

MATEIRO, T. da A. N. **Educação musical nas escolas brasileiras: Retrospectiva histórica e Tendências pedagógicas atuais**. Revista NUPEART, Florianópolis, v. 4, n. 4, p. 115-136, 2012. DOI: 10.5965/2358092504042006115. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/2659>>. Acesso em 22 ago. 2021.

MELO, Cecilia Paulozzi. **Possíveis contribuições da musicalização para bebês a crianças atendidas em programas de intervenção precoce**. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333115>>. Acesso em 13 jan. 2021.

OLIVEIRA, Débora Alves de. **Musicalização na educação infantil**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.3, n.1, p.98-108, dez.2001. Disponível em: <https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10529/ssoar-etd-2001-1-oliveira-musicalisacao_na_educacao_infantil.pdf?sequence=1>. Acesso em 15 jan. 2021.

ORFEÃO. In: **Dicionário Online Michaelis**. Editora Melhoramentos Ltda, 2021. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=orfeao>>. Acesso em 15 out. 2021.

PENNA, Maura. **Música (s) e seu ensino**. 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: Sulina, 2018. 247 p.

_____, Maura. **Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: uma ausência significativa**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 7, 7-19, set. 2002. Disponível em: <<http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/427>>. Acesso em 15 jan. 2021.

ZAEYEN, E. **A audição do bebê**. In: MOREIRA, MEL; BRAGA, NA., and MORSCH, DS., orgs. Quando a vida começa diferente: o bebê e sua família na UTI neonatal [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. Criança, Mulher e Saúde collection, pp. 131-140. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rqhtt/pdf/moreira-9788575413579-14.pdf>>. Acesso em 22 mar. 2021.